

SIMULADO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Nunca esqueçam: só aprendemos **errando**. Não tenham medo de errar, pois o simulado é feito para que o aluno erre e aprenda com seus erros, adquirindo prática na resolução de exercícios.

Se estiver com dificuldades, faça em dupla ou peça ajuda a um colega. Não deixe de tirar dúvidas com o professor. Mesmo que não tenha ainda visto a matéria, tente resolver com base em suas experiências, pois essas situações acontecerão no vestibular quando sua memória falhar.

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

(Uerj) **ACALANTO DO SERINGUEIRO**

Seringueiro brasileiro,
 Na escuridão da floresta
 Seringueiro, dorme.
 Ponteando o amor eu forcejo
 Pra cantar uma cantiga
 Que faça você dormir.
 Que dificuldade enorme!
 Quero cantar e não posso,
 Quero sentir e não sinto
 A palavra brasileira
 Que faça você dormir...
 Seringueiro, dorme...

Como será a escuridão
 Desse mato-irmão do Acre?
 Como serão os aromas
 A maciez ou a aspereza
 Desse chão que é também meu?
 Que miséria! Eu não escuto
 A nota do uirapuru!...
 Tenho de ver por tabela,
 Sentir pelo que me contam,
 Você, seringueiro do Acre,
 Brasileiro que nem eu.
 Na escuridão da floresta
 Seringueiro, dorme.
 (...)

Mas porém é brasileiro,
 Brasileiro que nem eu...
 Fomos nós dois que botamos
 Pra fora Pedro II...
 Somos nós dois que devemos
 Até os olhos da cara
 Pra esses banqueiros de Londres...
 Trabalhar nós trabalhamos
 Porém pra comprar as pérolas
 Do pescocinho da moça
 Do deputado Fulano.
 Companheiro, dorme!

Porém nunca nos olhamos
 Nem ouvimos e nem nunca
 Nos ouviremos jamais...
 Não sabemos nada um do outro,
 Não nos veremos jamais!
 (...)

Nem você pode pensar
 Que algum outro brasileiro
 Que seja poeta no sul

Ande se preocupando
 Com o seringueiro dormindo,
 Desejando pro que dorme
 O bem da felicidade...
 Essas coisas pra você
 Devem ser indiferentes,
 Duma indiferença enorme...
 Porém eu sou seu amigo
 E quero ver si consigo
 Não passar na sua vida
 Numa indiferença enorme.
 Meu desejo e pensamento
 (... numa indiferença enorme...)
 Ronda sob as seringueiras
 (... numa indiferença enorme...)
 Num amor-de-amigo enorme...

Seringueiro, dorme!
 Num amor-de-amigo enorme
 Brasileiro, dorme!
 Brasileiro, dorme.
 Num amor-de-amigo enorme
 Brasileiro, dorme.

Brasileiro, dorme,
 Brasileiro... dorme...

Brasileiro... dorme...
 (ANDRADE, Mário de. "Poesias completas". São Paulo: Livraria Martins, 1980.)

1. "Que dificuldade enorme! Quero cantar e não posso,
 Quero sentir e não sinto palavra brasileira" (v.7 - 10)

A dificuldade a que se referem os versos acima é resultado das diferenças regionais e culturais que distanciam o seringueiro do poeta.
 Dos versos abaixo, aqueles que melhor expressam essa distância percebida e revelada pelo eu poético são:

- a) "Seringueiro brasileiro, / Na escuridão da floresta / Seringueiro, dorme." (v.1 - 3)
 b) "Tenho de ver por tabela, / Sentir pelo que me contam," (v.20 - 21)
 c) "Desejando pro que dorme / O bem da felicidade..." (v.48 - 49)
 d) "Seringueiro, dorme! / Num amor-de-amigo enorme / Brasileiro, dorme!" (v.62 - 64)

2. Ao longo do poema, reafirma-se aquilo que diferencia o poeta e o seringueiro, o que, entretanto, não impede o reconhecimento de uma relação comum entre eles.

Nos versos 28 a 36, esse traço comum se revela por meio de:

- a) história de vida b) atuação como cidadãos
 c) condição de explorados d) conhecimento de História

3. O uso do vocativo é uma das marcas, no poema, do desejo de comunicação do eu poético. O vocativo inicial "Seringueiro brasileiro" é substituído, ao longo do texto, por "seringueiro", "companheiro" e, finalmente, por "brasileiro", enfaticamente repetido ao final.

Esse recurso formal da repetição, no encerramento do texto, é empregado para:

- a) construir um desfecho inesperado b) reafirmar uma identidade específica
 c) destacar uma característica implícita d) assinalar uma contradição crescente

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 3 QUESTÕES.

(Uerj) **FITA VERDE NO CABELO**

1 Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam.
 2 Todos com juízo, suficientemente, menos uma meninazinha, a que por enquanto. Aquela, um dia, saiu de lá, com uma fita verde inventada no cabelo.
 3 Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia.
 4 Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez. O pote continha um doce em calda, e o cesto estava vazio, que para buscar framboesas.
 5 Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo. Pois os lenhadores tinham

exterminado o lobo.

6 Então, ela, mesma, era quem se dizia:
 7 - Vou à vovó, com cesto e pote, e a fita verde no cabelo, o tanto que a mamãe me mandou.
 8 A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são.
 9 E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vindo-lhe correndo, em pós.
 10 Divertia-se com ver as aves do chão não voarem, com inalçar essas borboletas nunca em buquê nem em botão, e com ignorar se cada uma em seu lugar as plebeinhas flores, princesinhas e incomuns, quando a gente tanto por elas passa.
 11 Vinha sobejadamente.
 12 Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:
 13 - Quem é?
 14 - Sou eu... - e Fita-Verde descansou a voz. - Sou sua linda netinha, com cesto e pote, com a fita verde no cabelo, que a mamãe me mandou.
 15 Vai, a avó, difícil, disse: - Puxa o ferrolho de pau da porta, entra e abre. Deus te abençoe.
 16 Fita-Verde assim fez, e entrou e olhou.
 17 A avó estava na cama, rebufada e só. Devia, para falar agitado e fraco e rouco, assim, de ter apanhado um ruim defluxo. Dizendo: - Depõe o pote e o cesto na arca, e vem para perto de mim, enquanto é tempo.
 18 Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço. Ela perguntou:
 19 - Vovozinha, que braços tão magros, os seus, e que mãos tão tremantes!
 20 - É porque não vou poder nunca mais te abraçar, minha neta... - a avó murmurou.
 21 - Vovozinha, mas que lábios, aí, tão arroxeados!
 22 - É porque não vou nunca mais poder te beijar, minha neta... - a avó suspirou.
 23 - Vovozinha, e que olhos tão fundos e parados, nesse rosto encovado, pálido?
 24 - É porque já não te estou vendo, nunca mais, minha netinha... - a avó ainda gemeu.
 25 Fita-Verde mais se assustou, como se fosse ter juízo pela primeira vez. Gritou:
 26 - Vovozinha, eu tenho medo do Lobo!...
 27 Mas a avó não estava mais lá, sendo que demasiado ausente, a não ser pelo frio, triste e tão repentino corpo.
 (ROSA, João Guimarães. "Fita verde no cabelo". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.)

4. O conto recria a tradicional história de Chapeuzinho Vermelho, citando suas marcas mais conhecidas e reafirmando seu sentido original. Distanciando-se, ainda, da história conhecida, o narrador faz questão de assinalar o caráter ficcional da narrativa.

Esse procedimento, de apontar a própria narrativa como produto da ficção, explicita-se na seguinte passagem:

- a) "Sua mãe mandara-a, com um cesto e um pote, à avó, que a amava, a uma outra e quase igualzinha aldeia." (par.3)
 b) "Daí, que, indo, no atravessar o bosque, viu só os lenhadores, que por lá lenhavam; mas o lobo nenhum, desconhecido nem peludo." (par.5)
 c) "A aldeia e a casa esperando-a acolá, depois daquele moinho, que a gente pensa que vê, e das horas, que a gente não vê que não são." (par.8)
 d) "Demorou, para dar com a avó em casa, que assim lhe respondeu, quando ela, toque, toque, bateu:" (par.12)

5. "Mas agora Fita-Verde se espantava, além de entristecer-se de ver que perdera em caminho sua grande fita verde no cabelo atada; e estava suada, com enorme fome de almoço." (par. 18)

Pela leitura global do conto, é possível afirmar que essa passagem implica uma mudança para a personagem. Essa mudança pode ser caracterizada como:

- a) encontro com o passado e superação do medo do desconhecido
 b) ruptura com um mundo de fantasia e aproximação com a realidade
 c) supressão do ponto de vista infantil e afirmação de uma nova perspectiva
 d) alteração da antiga ordem familiar e conhecimento do fenômeno da morte

6. "Fita-Verde partiu, sobre logo, ela a linda, tudo era uma vez." (par. 4)

O trecho acima exemplifica uma construção original da linguagem por parte do autor, que seleciona e combina as palavras de um modo distinto do uso corriqueiro a que estamos

habitudos.

Um dos recursos empregados para construir essa originalidade, no exemplo dado, é:

- a) o isolamento da expressão "sobre logo" por vírgulas
- b) a designação da menina por meio do composto "Fita-Verde"
- c) a equivalência entre "ela" e "a linda" na referência à menina
- d) o emprego da expressão "era uma vez" com o sujeito "tudo"

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 2 QUESTÕES.

(Uerj) Com base no trecho abaixo, do conto "Bolivar", responda à(s) questão(ões) adiante.

"Na última série do curso colegial, antes que eu completasse dezoito anos, o professor de Matemática, com mais de trinta, invadiu a sala de aula montado num corcel que pertencera a Sir Percival, metido na armadura que roubara do Rei Artur. Ao tirar o elmo, percebi que seus cabelos dourados, numa grandiosa revolução sobre a testa, quase encobriam o azul das íris. Em seguida, saltou do cavalo e veio até minha carteira, de espada em punho, apontar as duas incógnitas da equação em que eu me transformara: o amolecimento dos membros inferiores e a taquicardia de cento e vinte por minuto. Não houve jeito. Fiquei apaixonada e me casei no ano seguinte. Mas o casamento foi um teorema que só serviu para demonstrar a inutilidade da espada: era de papelão e não resistia ao menor embate. Em sete anos praticamente assexuados, sem ao menos um filho para chorar o silêncio de nossas noites, meu príncipe encantado se desencantou sob a forma de uma gema arrebitada em cima da clara."

(GIUDICE, Victor. "Salvador janta no Lamas". Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.)

7. Pelo trecho passam várias representações da figura do herói na literatura, através do personagem do professor de Matemática.

Para a narradora, ele se transforma de um tipo de herói em outro.

Essa transformação pode ser comprovada pela identificação do personagem do professor, respectivamente, com os seguintes tipos de herói:

- a) épico e anti-herói
- b) medieval e moderno
- c) intelectual e provedor
- d) verdadeiro e problemático

8. No trecho do conto de Giudice, os termos matemáticos são usados de maneira irônica.

O melhor exemplo dessa ironia ocorre através do estabelecimento da seguinte relação:

- a) equação e paixão
- b) teorema e casamento
- c) revolução e azul das íris
- d) incógnitas e espada em punho

TEXTO PARA AS PRÓXIMAS 4 QUESTÕES.

(Uerj) O Brasil ainda não é propriamente uma nação. Pode ser um Estado nacional, no sentido de um aparelho estatal organizado, abrangente e forte, que acomoda, controla ou dinamiza tanto estados e regiões como grupos raciais e classes sociais. Mas as desigualdades entre as unidades administrativas e os segmentos sociais, que compõem a sociedade, são de tal monta que seria difícil dizer que o todo é uma expressão razoável das partes - se admitimos que o todo pode ser uma expressão na qual as partes também se realizam e desenvolvem.

Os estados e as regiões, por um lado, e os grupos e as classes, por outro, vistos em conjunto e em suas relações mútuas reais, apresentam-se como um conglomerado heterogêneo, contraditório, disparatado. O que tem sido um dilema brasileiro fundamental, ao longo do Império e da República, continua a ser um dilema do presente: o Brasil se revela uma vasta desarticulação. O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes. E estas permanecem fragmentadas, dissociadas, reiterando-se aqui ou lá, ontem ou hoje, como que extraviadas, em busca de seu lugar. É verdade que o Brasil está simbolizado na língua, hino, bandeira, moeda, mercado, Constituição, história, santos, heróis, monumentos, ruínas. Há momentos em que o país parece uma nação compreendida como um todo em movimento e transformação. Mas são frequentes as conjunturas em que se revelam as disparidades inerentes às diversidades dos estados e regiões, dos grupos raciais e classes sociais. Acontece que as forças da dispersão frequentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração. As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação. (IANNI, Octávio. "A idéia de Brasil moderno". São Paulo: Brasiliense, 1992.)

9. "O todo parece uma expressão diversa, estranha, alheia às partes."

Esta sentença indica a base do argumento de Octávio Ianni, que é dialética, ao explorar uma relação contraditória entre o todo e as partes.

Pode-se reformular a sentença, mantendo o aspecto dialético, da seguinte maneira:

- a) A soma das partes do país não produz necessariamente um todo coerente.
- b) O fato de o Brasil conter vários países diferentes não transmite uma idéia global de país.
- c) A compreensão das diferenças sociais do país não significa compreendê-lo como um todo.
- d) O fato de haver uma língua nacional não implica a existência de um todo político e social.

10. "As mesmas forças que predominam no âmbito do Estado, conferindo-lhe a capacidade de controlar, acomodar e dinamizar, reiteram continuamente as desigualdades e os desencontros que promovem a desarticulação."

Este último período retoma três verbos em seqüência que haviam aparecido logo no início do texto, no segundo período.

O autor, ao fazer esta retomada, mostra as forças do Estado fundamentalmente como:

- a) imparciais
- b) paradoxais
- c) subversivas
- d) conseqüentes

11. "Acontece que as forças da dispersão frequentemente se impõem àquelas que atuam no sentido da integração."

A análise isolada deste período, do último parágrafo, mostra o verbo "acontece" como oração principal, deixando todo o restante como uma oração subordinada com função de sujeito. A leitura de todo o texto, no entanto, nos permite perceber a expressão "acontece que" com uma função adicional.

Essa função seria a de:

- a) reafirmar um conceito
- b) desenvolver uma afirmação
- c) estabelecer um paralelismo
- d) enfatizar uma contraposição

12. "o Brasil se revela uma vasta desarticulação"

A organização do trecho acima disfarça a condição sintaticamente passiva do termo sujeito.

Para remover o disfarce e manter o sentido, deve-se reescrever a sentença da seguinte forma:

- a) O Brasil é percebido de maneira desarticulada.
- b) O Brasil indica sua desarticulação aos brasileiros.
- c) O Brasil é desarticulado em fragmentos dissociados.
- d) O Brasil é mostrado como uma vasta desarticulação.

13. (Uerj)

A CRISE



"Perdão, cavalheiro, este osso é meu: fui eu quem o viu primeiro."

(RAUL. "Revista Fon-Fon", 06/06/1914.)

Na charge de Raul, composta por título, desenho e legenda, há vários contrastes.

O contraste que melhor reforça o título da charge é:

- a) um senhor de fraque e chapéu olha um mendigo
- b) um homem e um cão disputam o mesmo alimento
- c) um mendigo com fome faz uma frase polida e formal
- d) o cão faminto olha para o mendigo e não para o osso

14. (Uerj) "A caricatura não tem por objeto principal fazer rir. Isto é tão certo que há caricaturas lúgubres. Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso, como têm avançado muitos autores, e assim a considera o preconceito corrente. (...) Longe de ser um testemunho da alegria, o próprio exagero caricatural não é senão um meio, nas mãos do artista, para exprimir seu rancor. Não há por que nos surpreendermos com isso. Como, realmente, à força de muito advertidos a respeito daquilo que mascara a mímica social, não cairmos em meditação cheia de desgosto? Como não nos deixarmos possuir por uma espécie de desencantamento, uma como que fadiga da alma, à custa de muito vermos e de vermos muito bem?"

(GAULTIER, Paul. In: LIMA, Herman. "História da caricatura no Brasil". Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.)

Porque encontra o riso em seu caminho, a caricatura afinal não tem nada duma arte do riso...

Neste trecho, percebemos que o conectivo "porque" está sendo empregado com um significado diferente do usual.

A substituição do conectivo que preserva o sentido original do trecho é:

- a) Se encontrar o riso em seu caminho,...
- b) Ainda que encontre o riso em seu caminho,...
- c) Já tendo encontrado o riso em seu caminho,...
- d) Em virtude de encontrar o riso em seu caminho,...

15. (Uerj) "Comenta-se, um pouco rápido demais, que a predileção que os leitores sentimos por um ou outro personagem vem da facilidade com que nos identificamos com eles. Esta formulação exige algumas pontuações: não é que nos identifiquemos com o personagem, mas sim que este nos identifica, nos aclara e define frente a nós mesmos; algo em nós se identifica com essa individualidade imaginária, algo contraditório com outras identificações semelhantes", algo que de outro modo apenas em sonhos haveria logrado estatuto de natureza. A paixão pela literatura é também uma maneira de reconhecer que cada um somos muitos, e que dessa raiz, oposta ao senso comum em que vivemos, brota o prazer literário." (Traduzido de SAVATER, Fernando. "Criaturas del aire". Barcelona: Ediciones Destino, 1989.)

Este texto trata de um conceito importante na teoria da literatura: o conceito de catarse.

De acordo com o autor, pode-se definir catarse como o processo que afeta o leitor no sentido de:

- a) valorizar o imaginário
- b) superar o senso comum
- c) construir a personalidade
- d) liberar emoções reprimidas

16. (Uerj) Observe atentamente os dois trechos transcritos a seguir.

"... o objetivo da poesia (e da arte literária em geral) não é o real concreto, o verdadeiro, aquilo que de fato aconteceu, mas sim o verossímil, o que pode acontecer, considerado na sua universalidade."

(SILVA, Vítor M. de A. "Teoria de Literatura". Coimbra: Almedina, 1982.)

Verossímil. 1. Semelhante à verdade; que parece verdadeira. 2. Que não repugna à verdade, provável. (FERREIRA, A. B. de Holanda, "Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.)

A partir da leitura de ambos os fragmentos, pode-se deduzir que a obra literária tem o seguinte objetivo:

- a) opor-se ao real para afirmar a imaginação criadora
- b) anular a realidade concreta para superar contradições aparentes
- c) construir uma aparência de realidade para expressar dado sentido
- d) buscar uma parcela representativa do real para contestar sua validade

17. (Uerj) A televisão não transmite regularmente cenas de violência, nos telejornais, nos filmes e até nos desenhos animados? Pois então: a nossa sociedade é muito violenta! Como fica demonstrado, a causa da violência é a televisão.

Logo, deve-se simplesmente censurar as cenas de violência de todos os programas de televisão.

O argumento apresentado no trecho acima é um sofisma.

Podemos caracterizar este sofisma como:

- a) círculo vicioso
- b) desvio de assunto
- c) silogismo não-válido
- d) confusão entre causas e efeitos

18. (Uerj) Leia atentamente o fragmento a seguir:

"Por exemplo, a frase: Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre SEUS exames. tem um enunciado equívoco; os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, ou sobre os exames dele, Pedro; ou, ainda, sobre os exames de ambos." (CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. "Nova gramática do português contemporâneo". Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.)

O fragmento acima aponta o problema da ambigüidade resultante do emprego do termo "seus".

A ocorrência da ambigüidade, no caso, pode ser explicada por uma característica relativa à significação geral da palavra em questão.

Essa característica do vocábulo "seus" é a de:

- a) indicar a pessoa gramatical, sem flexionar-se ou remeter a termos antecedentes
- b) referir-se à pessoa gramatical, sem nomeá-la ou indicar-lhe característica própria
- c) substituir o nome próprio, sem individualizá-lo ou permitir a devida concordância
- d) qualificar os nomes presentes, sem hierarquizá-los ou revelar sua verdadeira significação

GABARITO

1. [B]
2. [C]
3. [B]
4. [C]
5. [B]
6. [D]
7. [A]
8. [B]
9. [A]
10. [B]
11. [D]
12. [D]
13. [B]
14. [B]
15. [C]
16. [C]
17. [D]
18. [B]